

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Natália Braz Da Conceição

**UMA REFLEXÃO SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA
PATXÔHÃ DO POVO PATAXÓ**

Belo Horizonte
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Natália Braz Da Conceição

**UMA REFLEXÃO SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA
LINGUA PATXÔHÃ DO POVO PATAXÓ**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte
2016

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento vai a Niamissu, nosso criador, pela proteção, força e orientação por esta trajetória.

A todas lideranças indígenas do Estado de Minas Gerais: Pataxó, Krenak, Maxacali, Pankararu, Aranã, Xukuru-Kariri, Xacriabá pela luta que tiveram para que o curso FIEI acontecesse e tornasse regular na UFMG.

Ao cacique Bayara e a comunidade Gerú Tucunã, pelo apoio e incentivo de estudar, na busca pelos nossos direitos e no desenvolvimento de meu trabalho.

Aos anciãos, em especial o pajé KARUCHO Albino, grande sábio, que pode contribuir com seus ensinamentos através de conversa ao meu trabalho, pela sua experiência de vida, sabedoria, luta, resistência e espiritualidade, a qual tem uma preocupação de transmitir aos jovens para que não se perca.

Ao meu avô Gerú que não se encontra em nosso meio, mas que em vida pode transmitir a história do povo Pataxó.

A minha família, em especial minha mãe Nivalda Braz, a minha sogra Elizabeth da Ressurreição e meu irmão Rurinan Braz da Conceição que cuidaram de meu filho Uidxawere da Ressurreição Braz dando carinho, amor e atenção no momento que não estava presente.

Ao meu esposo Sinaré da Ressurreição pelo incentivo de nunca desistir.

A minha imensa gratidão a orientadora Maria Gorete Neto com quem aprendi muito e que contribuiu para o resultado de meu trabalho.

Aos pesquisadores Pataxó Awoy, Karkajú e Ademário que tiveram imensa contribuição ao meu trabalho e vem se dedicando à pesquisa e estudos da língua Pataxó.

A Aline, grande companheira e amiga nesta jornada. E todos colegas que pode conviver.

Aos professores FIEI/UFMG, especial turma da LAL, e bolsistas pela aprendizagem ao longo do curso.

As lideranças do Conselho do FIEI Pataxó, Xacriabá, Guarani e Pankararu, que sempre incentivaram e dedicam a estar presentes nas reuniões, seminários e sempre tem ensinamentos a nos transmitir.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. OBJETIVO E JUSTIFICATIVA.....	10
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	11
4. UM POUCO DA HISTÓRIA DO POVO PATAXÓ	12
5. A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA NO ESTADO DE MINAS GERAIS.....	18
6. A LINGUA PATAXÓ E O PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO LINGUISTICA	20
7. ALGUMAS REGRAS ORTOGRÁFICAS E GRAMATICAIS DA LINGUA PATXÔHÃ.....	22
8. O GRUPO ATXÔHÃ E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO LINGUISTICA.....	30
9. AS VARIEDADES DE PATXÔHÃ.....	37
10. EXEMPLOS DAS VARIEDADES DO PATXÔHÃ	39
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1 . Introdução

Eu sou Natália Braz da Conceição, da etnia Pataxó, aldeia Geru Tucunã Pataxó, que está inserida no Parque Estadual do Rio Corrente, município de Açucena-MG, a 52 km de Governador Valadares. É uma área que está em processo de regularização para uma criação de uma reserva indígena Pataxó. Tem poucas matas, muita pastagem, lagoas e o Córrego São Félix passa dentro território. O relevo é composto por pequenas colinas e morros de atitudes médias.

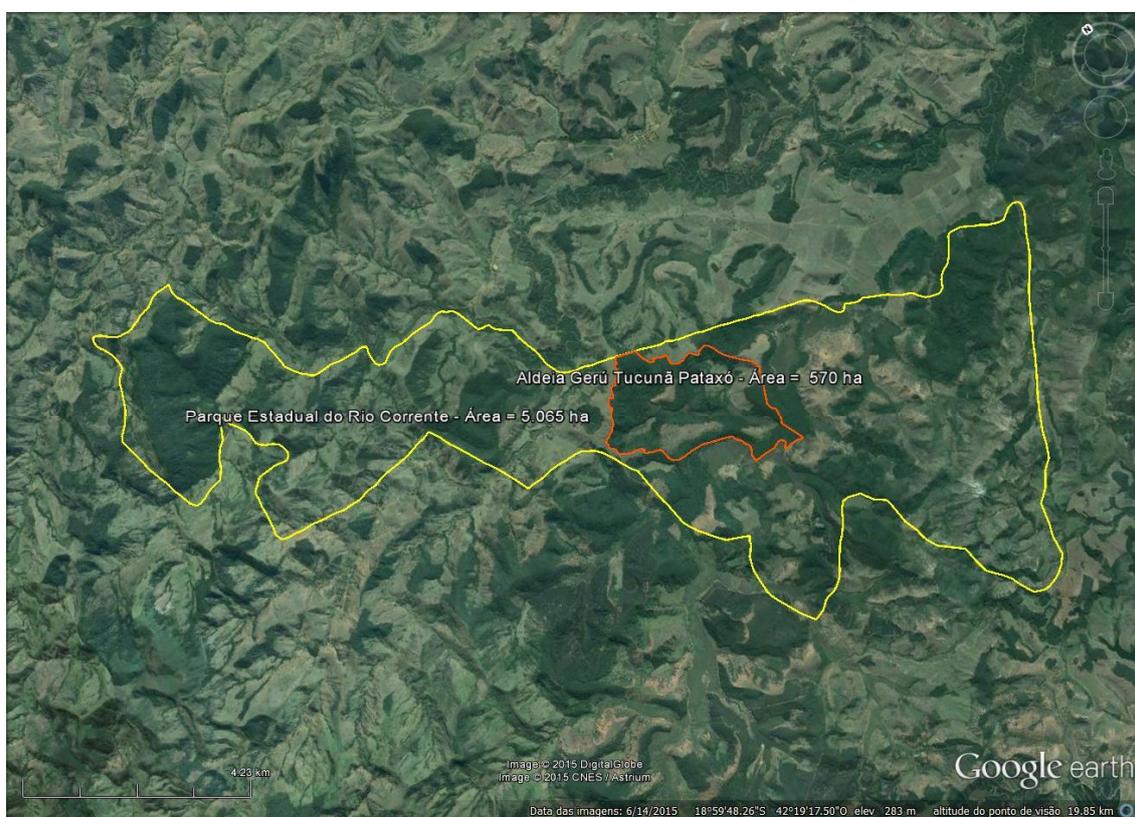


Figura 1 - Área do Parque Estadual do Rio Corrente, em amarelo. Em seu interior esta dicrinizada na cor laranja o território da aldeia Geru Tucunã.

O nome Geru Tucunã Pataxó é uma homenagem ao nosso avô, pai do cacique Bayara, que significa Pássaro na Palmeira. A comunidade está na área há 5 anos. A aldeia foi fundada no dia 23 de julho de 2010. Hoje tem uma população de 69 indígenas e 23 famílias entre 11 crianças, 25 jovens, 27 adultos e 4 idosos. A sustentabilidade das famílias é da plantação de mandioca, abacaxi, maracujá, milho, feijão, hortaliças, da

venda de corante, artesanato e produção de farinha.

As casas são simples, de pau a pique, feitas pelo trabalho e união de todos, não tem polo de saúde, energia elétrica e nem prédio escolar. A nossa escola, a E.E.Indígena Uará Pataxó, são duas salas grandes de pau a pique improvisadas. Temos o projeto no estado para a construção. Porém, não pode ser construída devido a terra ser um parque e o mesmo não pode ter infraestrutura, segundo o sistema Nacional de Unidades Conservação .

A escola funciona do 1º ao 5º ano e uma turma da Educação de Jovens e Adultos, anos iniciais. São ministradas as disciplinas de conhecimento acadêmicas e mais as de conhecimento tradicional que é o Uso do território e Arte e Cultura Pataxó que são as transmissão dos costumes do povo. A disciplina Uso do território tem como objetivo a educação do território. Uma área de pesquisa com os elementos naturais, a mata, o rio, a lua, os pássaros, a caça, as espécies de plantas, as ciências e cultura da terra proporcionando à criança o contato e conhecimento da terra na teoria e prática, conhecimento fundamental para não perder o saber tradicional. A disciplina Arte e Cultura é a vida do povo sendo transmitida através de cantos, danças, rezas, brincadeiras.

A área do Parque Estadual do Rio Corrente está longe de ser um parque, pois é muito degradada e não tem política de recuperação da mesma. Está toda irregular desde a criação. A área do parque é de 5.265 hectares, e, atualmente ocupamos 570 hectares. Mas, lutamos por 2.000 hectares para contemplar a comunidade. Em seu entorno acontece atividades como a criação de gado e búfalos o que infringe leis como n. 9.985 de 18.07.2000, regulamentado no art. 225 da Constituição Federal e o SNUC sistema Nacional de Unidades de Conservação. Como já citado, o Parque Estadual do Rio Corrente foi criado pelo decreto 40.168 de 17 de dezembro de 1991 pelo governador de estado com a finalidade de proteger a fauna e flora regional, nascentes dos rios e córregos da mesma, além de criar condições ao desenvolvimento de pesquisas e estudos, tendo como responsáveis o Instituto Estadual de Floresta.

O conquistar uma nova área é facilitar uma identificação do povo com a terra para o fortalecimento da cultura. E em cinco anos na área obtivemos grandes avanços na cultura. É praticado o Awê, ritual sagrado com cantos sagrados na língua, registros de história do nosso povo contados pelos anciões e tem havido uma valorização maior da

cultura Pataxó pela comunidade, principalmente pelos jovens.



Figura 2- Alto da aldeia Gerú Tucunã Pataxó ó Açucena-MG (Arquivo pessoal, 2013).

Awê

O Awê é um dos rituais praticados todos finais de semanas até hoje. No tempo de nossos antepassados acontecia ao amanhecer, anoitecer, depois de uma caçada, pescada, colheita, ao nascimento e morte na qual só participavam os adultos e se dançava em roda. Hoje é praticado por todos, desde dos mais velhos às crianças. Awê quer dizer amor, união com o cósmico. Através da dança e do canto se expressam sentimentos aos elementos naturais e seres da natureza, buscando forças para as lutas diárias.

O cantar e dançar não é só uma diversão, é entrar no mundo do sagrado. A dança e canto e os instrumentos como o maracá, o takape, a pintura, o fogueira, o cheiro e batida do pé no chão é um conjunto que busca a harmonia e as forças dos seres da natureza, do sol, da lua, do fogo, da água, dos cantos dos pássaros, das plantas trazendo energia positiva e revivendo junto aos nossos antepassados, que vem neste momento para contribuir com a renovação dessas energias, para continuarmos lutando e enfrentando os desafios da vida.

Awê Heruê

O ritual Awê Heruê, conhecido como a Festa Indígena Pataxó da Aldeia Gerú Tucunã, é aberto ao público. É um momento de reflexão dos povos que foram massacrados e extintos na história de nosso país. É levar até as sociedades não indígenas o real valor e o respeito as nossas manifestações culturais. Mostrar a resistência, a luta e o movimento dos povos indígenas e a reafirmação das tradições, cultura e história desses povos. Essa festa é feita no dia 19 de abril, o dia do Índio. Esse dia é um marco na história. Esta data foi criada, pois no dia 19 de abril de 1940 aconteceu o primeiro Congresso Indigenista Interamericano, em Patzcuaro, México com participação dos povos do Panamá, Chile, Estados Unidos e México, consagrando depois como Dia do Índio.



Fonte : Arquivo Pessoal, 2016



Fonte : Arquivo Pessoal,2016



Fonte: Arquivo Pessoal 2016. Representação do Pai da mata protetor das matas e índios Pataxó



Fonte: Arquivo pessoal, 2016. Pagé Albino

2 . Objetivo e justificativa

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a variação linguística na Língua Pataxó ou Patxôhã, como é denominada pelos Pataxó. A variação linguística de uma língua é decorrente ao modo pela qual é usada. Decorrente também de contexto histórico, geográfico e sociocultural.

A Língua Pataxó usada pelas várias comunidades é a mesma língua, porém tem algumas variações linguísticas de acordo com o estado, a localização da aldeia e a política linguística de cada aldeia no processo de revitalização e retomada da língua Pataxó.

As distintas variações linguísticas de palavras e sons fortalecem a língua no processo de retomada em falar o Patxôhã e não a deprecia. Retrata a sua vitalidade e o que manteve a língua viva durante o tempo de espoliação do nosso povo.

Na história de nosso país muitos povos foram forçados a deixarem de falar suas línguas maternas, principalmente os da costa litorânea nordeste brasileira. Foram

reprimidos e proibidos de manifestarem sua cultura e falar em sua língua materna, foram expulsos de seus territórios para se tornarem "civilizados". Eram formadas colônias ou aldeamento para catequizar e ensinar o português aos indígenas. A princípio, os jesuítas aprendiam a língua indígena, o tupi-guarani e o português. Com isso, dispersaram muitos dos povos progressivamente dizimados, aculturados, enfraquecidos, escravizados ao longo do processo miscigenação da população brasileira e assim também ocorreu com o povo Pataxó formando outras aldeias em torno da costa litorânea e em outro estado, como Minas Gerais.

3 . Metodologia da pesquisa

A minha pesquisa foi desenvolvida em base de alguns materiais publicados com as variedades de palavras da Língua Pataxó com um mesmo significado. Além disso, observações foram feitas na própria comunidade Gerú Tucunã. Foi feito diário de campo e busquei trabalhos de pesquisadores, dialoguei com as pessoas desta e de outras aldeias Pataxó, tanto do estado de Minas Gerais como da Bahia e realizei entrevistas com lideranças, anciões e pesquisadores da Língua Pataxó.

As pessoas entrevistadas foram pessoas que puderam contribuir ao meu trabalho devido ao conhecimento que têm em relação a Língua Pataxó e que estão direcionadas à pesquisa atualmente, à convivência com as pessoas que eram consideradas os ócorta ó línguaõ, ou seja, aquelas pessoas que se comunicavam com outros povos indígenas. Tive a oportunidade de conversar com o pajé de Barra Velha, seu Albino, sobre o que achava sobre a língua e com professores e pesquisadores da língua Pataxó que estão mediando os trabalhos nas comunidades Pataxós no geral.

Os entrevistados são os abaixo:

Voltair Alves dos Santos

Conhecido como Awoy, casado, mora na Aldeia Coroa Vermelha e é professor de Patxôhã.

José Terêncio Braz

Conhecido mais como Bayara, tem 56 anos, casado, cacique e professor de Arte e

Cultura Pataxó e Uso do Território mora na Aldeia Gerú Tucunã, município de Açucena-Minas Gerais.

Eujácio Batista Lopes Filho

Conhecido como Karkajú, tem 37 anos, casado, mora na Aldeia Indígena Coroa Vermelha e trabalha como gerente de assuntos indígenas.

Pajé Albino

Tem 76 anos, mora na Aldeia Barra Velha.

Ademário Braz Ferreira

Conhecido como Kamassari Pataxó, tem 40 anos, solteiro, professor, mora na aldeia Indígena Coroa Vermelha, Bahia.

4 . Um pouco da história do Povo Pataxó

Pataxó significa o barulho das águas. Este nome surgiu, segundo os mais velhos, quando um velho estava sentado na pedra à beira do mar observando e percebeu que as ondas batiam na pedra e fazia o som PA e ao subir e cair nas águas faziam TA. E ao escoar na areia e retornar da água ao mar fazia XO. Também a chuva ao cair bate na folha da patioba faz TA e ao escorrer faz XO, bem de levinho.

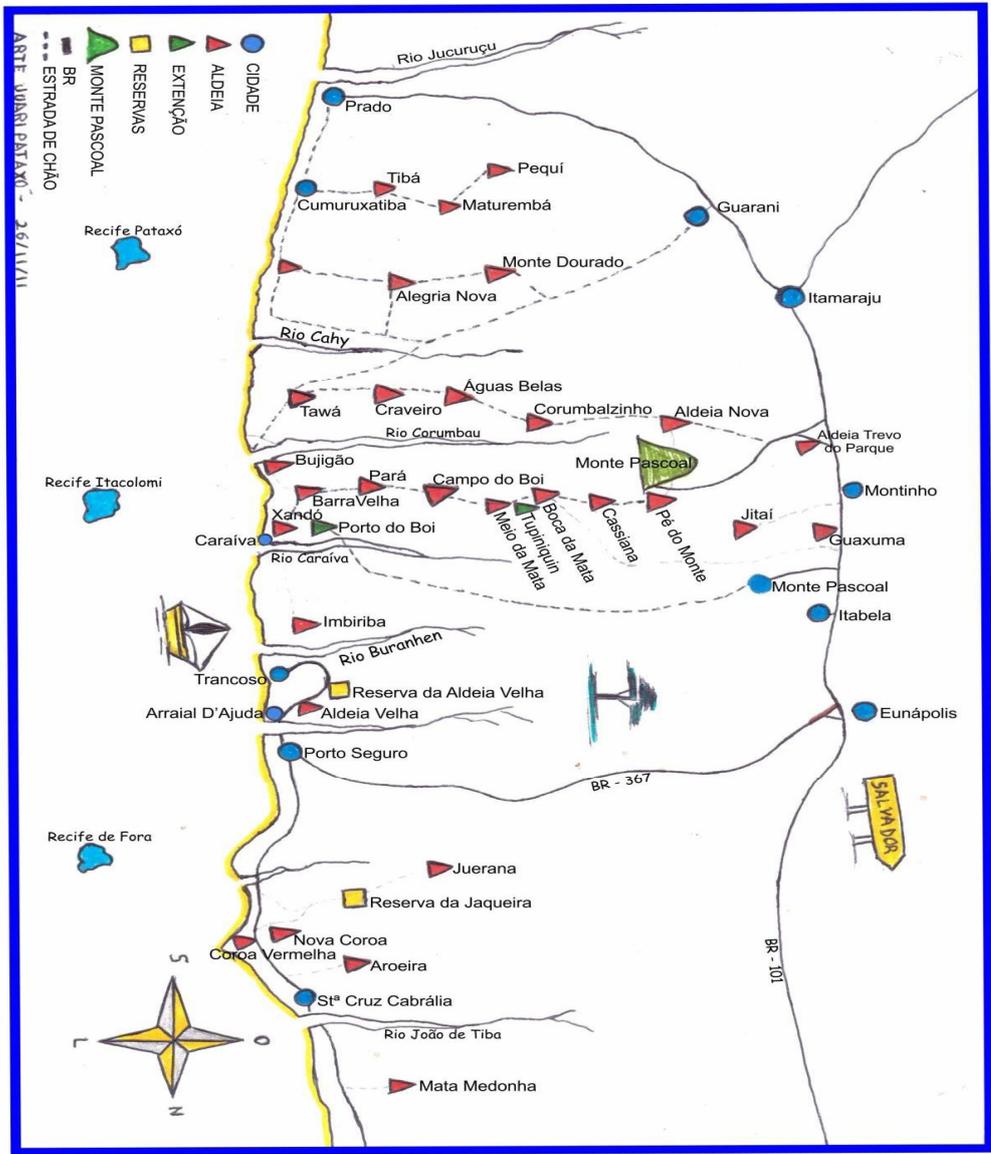
Como os mais velhos contam, no início do mundo a terra foi preparada para receber um aguaceiro que se transformou cada gota de chuva em contato com a terra em índio Pataxó. E ao terminar da chuva havia índio espalhados por toda terra.

Antes do contato com os não indígenas, o povo Pataxó era nômade, vivia em pequenos grupos familiares nas grandes matas fechadas, próximas aos rios que ligavam ao mar, onde pudessem achar alimentos em abundância. Alimentavam-se era de frutos, raízes, peixes, marisco e crustáceos do mar. Quando os alimentos estavam escassos, se mudavam.

Com o passar do tempo, começaram a fazer pequenos roçados de milho e feijão. Jogavam as sementes no meio da mata, sem precisar fazer coivara e, segundo os mais velhos, quando retornavam ao local já estava no tempo de colher. Com o passar do

tempo aprenderam com os não indígenas a fazer roças mais limpas, com derrubada e queimada.

Hoje o povo Pataxó tem uma população de aproximadamente 15.000 indígenas, que habita o estado da Bahia e Minas Gerais, com aproximadamente 46 aldeias. Com 40 comunidades no estado da Bahia, pertencentes aos municípios de Porto Seguro, Prado, Cabrália e Itamaraju e 6 Aldeias no estado de Minas Gerais, pertencendo aos municípios de Carmésia, Itapeçerica, Açucena e Araçuaí. A seguir, apresento o mapa das aldeias Pataxó na Bahia:



Fonte: Juarí Pataxó, <http://www.pib.socioambiental.org>, acesso em 03.05.16.

Mapa das aldeias Pataxó em Minas Gerais



Fonte: arquivo pessoal, 2015.

A chegada do povo no estado de Minas no ano de 1969 é consequência de vários fatos históricos. Sabemos que o litoral baiano foi um dos principais cenários brasileiros na dizimação dos povos indígenas, pois é a terra do Descobrimento e da exploração de madeira. Mas, o que marca a chegada dos Pataxó ao estado de Minas Gerais são dois fatos históricos para nosso povo.

O primeiro é o Fogo de 51 ou o Massacre de 51 ocorrido na aldeia Barra Velha, caracterizado pela ação violenta da polícia baiana que desarticulou a aldeia, dispersando os índios como forma de promover a ocupação civilizada na região de Porto Seguro. São atos de violência que marcaram a história do povo física e mentalmente. São fatos que os mais velhos guardam na memória até os dias de hoje. E muitas das vezes têm vergonha de relatar aos mais jovens. Muitos índios se refugiaram nas matas para não serem mortos e outros esconderam suas identidades, pois sofriam discriminação e perseguição.

Minha vó, Zilda Braz da Conceição, contava que seu pai se refugiou na mata com seus filhos pequenos, matavam galos e cachorros para não serem encontrados e se escondiam dentro do oco de pau, um amontoado no outro. Para se comunicar com os demais indígenas, para dar avisos que estavam próximos ou que o perigo estava perto, imitavam os cantos dos pássaros. E outros se escondiam na lama ou se dispersaram na mata.

O segundo fato histórico foi a transformação de 23.000 hectares do território tradicional Pataxó em Parque Nacional do Monte Pascoal, criado em 1943, e oficialmente demarcado em 1961 pelo Estado da Bahia. Isso reduziu o território drasticamente e expulsou os índios que viviam no território. Os índios não podiam trabalhar na terra, os guardas do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) proibiam de fazer suas roças, caçar e retirar matérias-primas, como a piaçava para fazer seus artesanatos e venderem.

Nesse período os indígenas não tinham dinheiro e realizavam trocas de farinha por peixes, produtos que não produziam como sal, óleo, entre outros, pela piaçava em Caraíva. Os mais velhos dizem que construíam cercas em volta das roças e os guardas vinham e destruíam as cercas e colocavam os cavalos para pastarem e comer as roças.

A partir de então as lideranças começaram a reivindicar por direitos à terra, pois viviam na área há anos. Era direito estar e viver ali com suas práticas e modo de viver. Começaram a viajar a outros estados, Rio de Janeiro e Salvador por esses direitos. E por essas reivindicações foram vistos como infratores da lei porque estavam lutando contra o governo. Então foram levados como prisioneiros pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), hoje FUNAI (Fundação Nacional do Índio), autorizado pelo governo, para a Fazenda Guarani, no município de Carmésia, na região do Rio Doce, estado de Minas Gerais. O local funcionava como presídio para índios.

Nessa época, ainda durante o período da ditadura militar, como muitos indígenas não falavam o português, os governantes não entendiam o que eles diziam, e muitas das vezes os índios brigavam entre si. Criaram presídios só para indígenas pelo país. Como sentenças, eram levados para longe, obrigando a viver longe de suas famílias e etnias, em outros estados. Quando chegaram na fazenda, encontraram outros povos indígenas como Krenak, Maxacali, Guarani, Guajajara, Krahô, Tupiniquim e Xerente, na maioria falantes de sua língua materna e pouco português.

Com o passar dos anos, alguns retornaram a aldeia de origem, permanecendo na área do presídio apenas Pataxó. E outras famílias com o passar do tempo foram chegando. Então começaram a lutar perante o governo para dar a terra para eles trabalharem com dignidade. O governo queria retornar com os indígenas para outros lugares e dividiu a área. Daria a terra aos índios, mas não para viverem como indígenas.

Pensando em como ficariam, o cacique Bayara e os mais velhos, que já estavam na área, ficaram preocupados de como ficou a FUNAI responsável pelos indígenas. Eles queriam ser reconhecidos como indígenas.

Então começaram a buscar apoio para demarcar a área como indígena, na qual tivessem direito de ir e vir, e não queriam mais voltar às suas terras de origem. Já tinham saído da Bahia para Minas, de Minas para o estado do Espírito Santo e de lá para Minas novamente. O que conquistaram em 1988, a área doada pelo governador do estado Tancredo Neves, na saída do presidente Fernando Collor e substituído por Itamar Franco, foi a primeira Terra Indígena demarcada no estado de Minas Gerais. Criou-se um Reserva Indígena para esses povos.

Com o tempo os Maxacali e os Krenak voltaram para suas terras, junto de seus povos permanecendo apenas os Pataxó. Assim, mais famílias vieram da Bahia em busca de uma condição melhor de vida, para que pudessem assumir sua identidade e praticar a sua cultura.

Após alguns anos o povo Pataxó foi se espalhando pelo estado devido a conflitos internos. A área foi se tornando pequena para fazer os plantios. Já não viviam mais da caça e pesca, residindo no município de Araçuaí, Itapeçerica e, recentemente em 2010, em Açucena.

Além da terra, as lideranças Pataxó juntamente a outras etnias como Krenak, Maxacali e Xacriabá iniciaram a luta pelo reconhecimento dos povos no estado de Minas Gerais. Com o movimento político indígena iniciado ainda na década 70, começa uma mobilização de apoiadores e as comunidades indígenas pela definição dos direitos dos povos a diferença cultural e a uma educação indígena diferenciada, que fosse do jeito de ser de cada povo, dentro de sua cultura, afirmando seus costumes. O ensino que estava sendo impostos às crianças fragilizava e adormecia a cultura.

Depois de muitas lutas, de idas e vindas, a Constituição Federal de 1988 foi uma conquista para os povos indígenas. Foi reconhecida a diversidade cultural dos povos,

assegurando o direito a reprodução cultural, da demarcação das terras e uma escola diferenciada, assegurada a utilização de suas línguas e processos próprios de aprendizagem. Assim os indígenas poderiam reafirmar a cultura. Como afirma Wewering (2012, p. 147):

A conquista de direitos a educação dos povo indígenas no Brasil passou por muitas lutas sustentadas por diferentes lideranças das comunidades nativas até despontar de lei constitucional que realmente implementou os direitos indígenas, entre eles, os direitos a uma educação diferenciada. No campo das políticas educacionais houve vários avanços em relação a diversidade intercultural, valorização da ecologia numa dimensão de território, ao cuidado com a terra, nascente, fauna, flora e o universo do sagrado interligado a rituais, mitos, danças, músicas, artes e cosmologia. (WEWERING, 2012, p.147)

No artigo 231 da Constituição Federal de 1988 são reconhecidos aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre a terras que tradicionalmente ocupam, competindo a união demarcá-la, protegendo e fazendo respeitar todos os bens. Ainda o Artigo 210\CF88 assegura às escolas indígenas as especificidades culturais de cada povo. Será fixado conteúdos mínimo para o ensino fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. O ensino fundamental regular será ministrado em língua Portuguesa, assegurada as comunidades indígenas também a utilização de suas línguas e processos próprios de aprendizagem. Isso assegura um novo projeto de educação indígena no Brasil, os indígenas mediando sua própria pedagogia.

5 . A implantação da escola indígena no estado de Minas Gerais

Com a política dos povos indígenas do estado de Minas Gerais, Krenak, Maxacali, Pataxó e Xacriabá, após décadas de lutas, em 1993 o secretário de educação Dr. Walfrido Silvino dos Mares, cumprindo a constituição, apoiou a educação escolar indígena no estado. Foram promovidos dois encontros para elaborar a proposta inicial da educação escolar indígena.

Segundo a revista BAY (1998, p. 57), o primeiro ocorreu em julho de 1993, em Belo Horizonte, promovido pela Diretoria de Desenvolvimento Curricular, com coordenação na época por Marineuza Gazzeta, FUNAI, Superintendências Regionais de Ensino e secretarias municipais de educação, com objetivo de elaborar um plano de ação pedagógica de acordo as diretrizes, adequado à cultura e à realidade das áreas nas quais estariam inseridas as escolas indígenas.

O segundo encontro foi realizado em novembro do mesmo ano, em Governador Valadares, visando ao levantamento de dados e suporte teóricos para a elaboração do plano de educação das etnias do estado. E só no ano de 1995 que o projeto de Implantação das Escolas Indígenas em Minas Gerais foi elaborado e executado pela secretaria de estado de educação, coordenado pela professora Marcia Spyer, devido a sua experiência adquirida na formação de professores indígenas Ticunas (Amazonas), Apurinã, Kaxinawá, Machineri, Katurina, no Acre, e apoiado pela FUNAI, Instituto Estadual de Floresta (IEF) e FUNASA (atualmente SESAI).

A proposta e desafio era mudar o modelo de escola imposta aos indígenas durante séculos que continha o objetivo da assimilação indígena com apagamento das culturas, domesticação e convertimento a uma religião, o que contribuíam ao extermínio dos povos indígenas e enfraquecimento de suas culturas, sendo proibidos de se manifestarem. A nova proposta era ter uma escola indígena específica, diferenciada, intercultural e bilíngue, com um currículo e calendário específico próprios, materiais didáticos próprios num processo de afirmação, promoção e fortalecimento das línguas e cultura indígenas, no qual o ensino seria ministrado pelo professor indígena. Conteria uma característica comunitária, na qual articula aos anseios da comunidade e seus projetos de sustentabilidade e territorial respeitando integrando a cultura, saberes, tradições, memórias e língua, segundo Kanatyo Pataxó.

Para Kanatyo (2013), essa nova proposta metodológica transdisciplinar aponta um conhecimento em relação aos movimentos dos ciclos da natureza numa perspectiva de um pé no chão da aldeia e outro no chão do mundo, conhecendo as outras ciências, dialogando com os dois conhecimentos.

Em 1996, ocorreu a primeira etapa do curso de magistério indígena, em 8 módulos, com formação em quatro anos, o que deu segmentos a 4 turmas, formando

mais de 200 professores indígenas das etnias Pataxó, Maxacali, Krenak, Pankararu, Kaxixó, Aranã e Xakriabá.

Como essa experiência norteou as lideranças indígenas e a exigência do estado do professores indígenas de ter uma formação superior. Em 1999, apresentaram uma nova proposta a Universidade Federal de Minas Gerais da continuidade aos estudos dos professores indígenas que já estavam atuando em sala de aula. Isso resultou uma comissão para delinear um projeto de Formação Intercultural para Educadores Indígenas FIEI. Em 2006, com várias mobilizações e negociações, foi criada a primeira turma do FIEI financiada pelo PROLIND (Programa de Apoio a Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas), com duração de 5 anos, formando indígenas das etnias Pataxó, Xacriabá, Krenak, Aranã, Kaxixó e Xukuru-Kariri e Pankararu. Atualmente, o curso é regularizado na UFMG, com o nome de Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

6 . A língua Pataxó e o processo de revitalização linguística

A língua Pataxó pertence ao tronco Macro-jê, da família Maxacali. Entre os povos Maxakali e o Pataxó é possível perceber sons e significados semelhantes, além de costumes, alguns rituais e histórias de convivências entre esses dois povos. Há muitos anos a língua Pataxó ficou adormecida, quase esquecida, para muitos dada como morta, pois não tinha falantes. Mas, estava preservada nas memórias dos mais velhos, em pequena quantidade, mas de grande valor, por eles carregando segredos e valores de um povo. A comunicação era e é feita através do português, incrementado com palavras da Língua Pataxó.

Os professores e lideranças eram preocupados em afirmarem e recuperar a história do povo Pataxó, o ponto essencial para a identidade da escola indígena, pois continham um desejo de manter o jeito de ensinar Pataxó e afirmar os costumes. Então com apoio dos professores da UFMG, aconteceu ações de pesquisas das histórias do povo Pataxó e revitalização linguística, ocorrendo os primeiros estudos e pesquisas para o resgate e revitalização da língua e cultura Pataxó.

Com isso, conseguiram um material do Príncipe Maximiliano, um inventário com 100 palavras e dessas muitas já eram faladas e expressadas nos cantos pelos mais velhos. Foi um passo para o fortalecimento da cultura e revitalização da língua. Iniciou-se o estudo com linguistas e antropólogos desse material, baseando-se na língua da mesma família, a Maxacali. Tinham a certeza que falar do modo dos Pataxós de antigamente era impossível por não terem mais falantes, mas que não seria impossível revitalizar a mesma.

Nessa perspectiva de educar através do uso dos costumes, do próprio jeito de ser do povo trouxe o resgate da língua Pataxó, numa interlocução da língua com a história, rituais, cantos, danças, arte, saberes da terra, plantas, animais e com o sagrado.

Desde a chegada ao estado de Minas Gerais, o povo era discriminado por não ter aparência de ameríndios, não falar língua indígena e pelo modo de viver ser diferente dos indígenas de 500 anos atrás. Os alunos eram discriminados na escola da cidade, os indígenas também não eram vistos com bons olhos na cidade.

Assim, a universidade, lideranças e professores iniciaram um trabalho de reeducação, quanto à cultura indígena no estado, na cidade de Carmésia e redondezas e escolas públicas e particulares de Belo Horizonte. Assim os indígenas apresentavam dança, canto e palestras sobre o modo vida e dificuldades do povo. Quando iam fazer algumas apresentações fora, sempre faziam reunião à noite e ensaiavam cantos a serem cantados. Na época, Kanatyó produzia músicas na qual tinham palavras da língua Pataxó mescladas com o português.

Ao pesquisar sobre a língua, se percebe uma ligação cultural do povo com a terra. As memórias de vida, práticas dos costumes e rituais de nossos antepassados estão relacionados à terra e à natureza. Assim como os anciões que saíram de Barra Velha, ao lembrar da terra mãe, são manifestados cantos que expressam sentimentos sagrados sobre a terra e a natureza em si transmitindo uma espiritualidade. Em muitos desses cantos são expressas palavras na língua que é do sagrado. Por isso, essas palavras se mantiveram vivas em suas memórias até hoje.

A língua hoje é definida como Patxôhã - linguagem de guerreiro - tinha um inventário de 100 palavras que hoje já são 2.500, algumas faladas pelos mais velhos e algumas de outros povos e troncos linguísticos descritas em fontes escritas de pesquisadores e viajantes. Dentro do inventário de palavras Pataxó, há palavras que são

empréstimos de outros povos como Krenak, Pataxó Hãhãhãe e Maxacali. Mas ao mesmo tempo não sabemos se não foi empréstimo dos Pataxó a esses povos.

Há variantes de palavras com o mesmo significado e som entre as pronúncias de alguns lugares variam de acordo a característica local da aldeia. Segundo alguns anciões e pesquisadores, a aldeia de Barra Velha era um ponto de encontro entre o povo Pataxó e os povos da mata como Botocudos, Maxacali, Tupiniquins para trocas de alimentos e muitas das vezes até se casavam e guerreavam.

Dentre as palavras coletadas entre os mais velhos, foram achadas várias que eram de origem de outras línguas e troncos linguísticos. Para entendermos como e como esta mistura ocorreu, segundo mais velhos, a Aldeia Barra Velha, era considerada um ponto de encontro e passagem de vários povos. Por isso, a língua era levada e trazida. Por outro lado, de acordo com a história, sabemos que Pataxó e outros povos foram retirados de seus territórios originários e obrigados a serem em Bom Jardim, hoje Aldeia pataxó de Barra Velha, num espaço limitado, o que poderia também explicar a diversidade de palavras faladas pelo nosso povo que na verdade dão de outros povos. (Cartilha Atxohã, 2014, p. 3)

Além dessas palavras, foram recriadas palavras que não existiam no tempo de nossos antepassados, mantendo as palavras geradoras com sentido parecido. A gramática foi definida depois de muitos estudos baseados no tronco e família pertencente a Língua Pataxó, que é o Macro-jê e a família Maxacali e também na língua portuguesa.

No que diz respeito ao ensino, o Patxôhã não se restringe ao léxico da língua, compreende um conjunto de informação, os processos históricos vivenciados e manifestações culturais, canto, dança, comidas típicas e ritos. E para os pesquisadores hoje é uma vitória ver que a grande maioria dos jovens e crianças falam sem desembaraços e cantos são entoados em Patxôhã, afirmando o processo de revitalização.

Abaixo são apresentadas algumas regras ortográficas e gramaticais da língua Pataxó.

7. Algumas regras ortográficas e gramaticais da língua Patxôhã

Em Patxôhã, a escrita das palavras tem a seguinte forma: letra K representa o som das letras Q e C. Por exemplo:

KAKUSU [cacusu] -homem

KITOK [quitoque] -menino

KRAMIÃ [cramiam] -agora

A letra H substitui o som forte do R no início e meio da palavra:

HÃGNAHAY [Ranguinarray] - Amanhã

HÃPE [Rampe] - gato

KAHAB [Carrab] - viver

O som de U é usado quando antecede por uma consoante:

MUKARÁ [Mucará] - paca

KUKÊ [Cuquê] - cachorro

O som do W, ele é usado em palavras com o som do U seguido ou antecedido de vogais que formem um único som (sílabas) e no começo de nomes próprios ou não de vogais que formam um único som.

Werimehê [Uerimerrê] - amor (nome próprio)

Kawatá [Cauatá] - coração

Kokwã [Cocuam] - cabeça

A letra Y é usado para substituir o I, quando duas vogais formarem um único som (sílabas) sendo fraco em sua pronúncia. Também no final das palavras que tiver o som I e no início de nomes próprios:

Patatxay [Patatxay] - sapato

Âkâwtxy [Acautxy] - correr

Hayô [Raiô] - sol

As palavras com sons nasais são representadas por um sinal nasal (~) e não por N e M:

Ãhô [anrroo] - não

Ahõhê [arronrre]- como

As palavras em que o R é pronunciado fraco é substituído por H:

Hãmangui [Ramangui] - mata

Por sua vez, a estrutura da frase é feita na ordem (OSV) OBJETO + SUJEITO + VERBO e na ordem (SVO) SUJEITO + VERBO + OBJETO e segue a formação da língua portuguesa.

E a sequência (OSV) OBJETO + SUJEITO + VERBO é baseado na estrutura da língua Maxacali na qual único povo falante da língua da mesma do povo Pataxó.

Exemplo de formação de frase em Patxôhã Sujeito + Verbo + Objeto:

!Tâypâk pãhây mêá nitxi bayxú

Tradução: Sua casa é muito bonita.

Exemplo de Formação de frases em Patxohã Verbo + Sujeito + Objeto:

! Mêá tãypâk pãhây nitxibayxú

Tradução: E sua casa muito Bonita!

Como podemos observar nos exemplos acima, a pontuação das frases é colocada no começo das frases. E se caso as palavras forem separadas por vírgula, é colocada no lado esquerdo da palavra seguinte da frase e ou contrário.

Exemplo:

.Kotê walatxatxuy arnã ,dxêê ,topehê txuhap

.Arnã ,dxêê,topehê txuhp kotê txuhap

Tradução: Eu, tu e ele vamos tomar banho.

Se a frase for uma afirmação ou resposta seguirá a entonação pela acentuação, mas falando meio que uma fala mais arrastada, imitando os mais velhos e o modo dos Maxacali. Se for interrogação, a primeira sílaba será em voz alta. As sílabas ou palavra no meio serão pela acentuação e a última também será alta.

Exemplo:

DxaꞰu mêmá n~ugã kōrtu

Tradução: Qual é seu nome.

Então a sílaba Dxa é pronunciada em voz alta mais que o restante da frase.

Se for uma exclamação, a primeira sílaba será alta, as sílabas ou palavras no meio serão pela acentuação e a última sílaba é média alongada.

Exemplo:

!DxaꞰa txaywã tapuritú ãtxuab

Tradução: Que dia mais lindo!

Terminação das palavras em Patxôhã:

Abaixo, seguem as terminações verbais que serão usadas para raízes já existentes, quando não haver usar uma palavra com sentido equivalente.

Infinitivo = rê-

Exemplo: caça-kôhay

Caçar-kôhayré

Gerúndio = irá-

Exemplo: caçando-kôhayórá

Particípio = txê-

Exemplo: kôhaytxê-caçado

Passado perfeito = ã

Exemplo: hãmiá- dançar
hamiã-dançou

Passado mais que perfeito = kãd

Exemplo: hamiá kãd-dançara

Passado imperfeito = êksu

Exemplo: hãmiá êksu-dançaria

Presente = xó

Exemplo: hãmiá xó-dança

Futuro do pretérito = ~i-

Exemplo: hãmiá i-dançará

Futuro do presente = kãd

Exemplo: hãmiá kãd-dançaria

Substantivo

Coletivo = txê-geral

Exemplo : mukusuy-mukusuytxê

Peixe-cardume

Coletivo de nacionalidade = grupo = hãe

Exemplo:

Txihi-índio txihihãe-indígena

Central = atê-hamatê, só pode ser usado para um radical já existente, mas formará a palavra central. Em outros casos será criado um outro radical. Quando terminadas em uma ou duas vogais, elas serão eliminada e será acrescentada (atê).

Profissão = ará-

Exemplo :hamiará-dançarino

Profissão de direção e controle = ~ug- Exemplo:

jookatung- motorista

Substantivo derivado -wãg-

Exemplo: tsakãwãy- altura

Substantivo quando e um objeto óaô

Substantivo ação -watá- eliminando a vogal final da palavra

Substantivo com valor de adjetivo ó boas e más qualidades, o que depende da raiz que esta sendo utilizada

Ãga=nomayãga

Ãhi- nomaysãhi

Adjetivo neutro mas que deriva o bem =asê =e forma a parte genérica ,quando não houver no adjetivo.

Adjetivo de qualidade ruim ó itá

Adjetivo neutro, mas que seja coisa mal, usaremos = ená = e formar a parte genérica, quando não houver no adjetivo equivalente.

Advérbio

Intensidade ó kwê

Modo terminado em mente ó nuk

Lugar-nig

Wãk e apê- inclusão e exclusão

Toda vez que se coloca ãh antes de uma palavra, valerá como antônimo. Desde não tenha um antônimo equivalente, então se aprecia a regra de usar uma raiz já existente. Caso a raiz comece com uma vogal já existente, se ajuntará automaticamente com (ãh) ,preservando o som da vogal já existente. Se for uma consoante esta cairá e fica no lugar o (h) de (ãh) .

Entendemos que os estudos de línguas indígenas, principalmente da língua Pataxó é contínuo. Está associado a reconstrução de uma História e trajetória cultural do povo, sendo a língua fundamental para o fortalecimento da identidade étnica e autônoma. Como o pesquisador Awoy afirma:

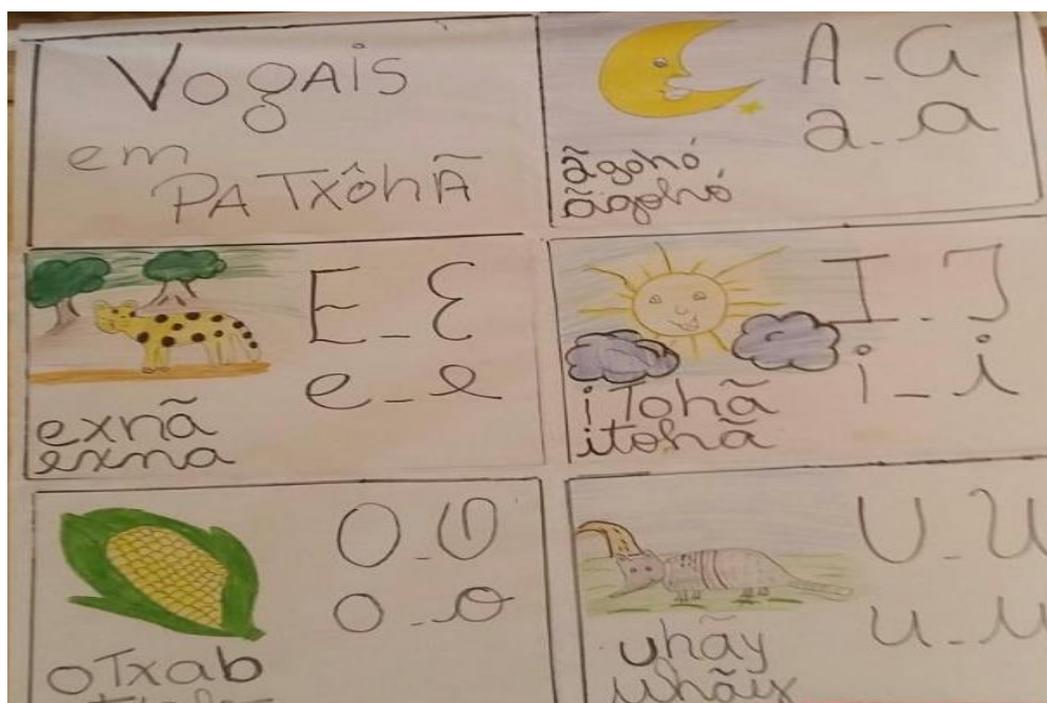
Para nós pesquisadores os estudos da língua é um processo inacabável. Como não há falantes, sempre haverá desafios de novas palavras que são faladas na comunidade. Como no português, né, sempre há surgimentos de novas palavras.(AWOY ,2015)

Hoje se encontram nas comunidades Pataxó várias pessoas que se comunicam em Patxôhã. Mesmo as que não dominam a fala compreendem o que o outro está falando. Mesmo a lista de vocabulário não abrange todas palavras de nosso dia a dia.

Porque o léxico Pataxó de hoje não é igual a de 200 a 500 anos atrás. A retomada da fala do Patxôhã é devido ao trabalho que vem sendo feito nas escolas indígenas e o interesse de muitos jovens e comunidades de aprender o Patxôhã.



Fonte : arquivo pessoal, 2016



Fonte: arquivo pessoal, 2016



Fonte : arquivo pessoal,2016

8. O grupo Atxohã e sua contribuição no processo de revitalização linguística

O grupo Atxohã surgiu em 2009 como uma maneira de organização dos pesquisadores e para dar continuidade ao trabalho de pesquisa da língua Pataxó, à documentação de elementos da história e cultura. Também é uma forma de desenvolver melhor o trabalho, a valorização e afirmação da cultura do povo na região litoral do estado da Bahia, principalmente nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália e Itamaraju. Conforme afirma o entrevistado abaixo,

A coordenação do Atxohã foi criado em 2009, a fim de dar continuidade do projeto de pesquisa da Língua Pataxó já existente desde 1998 e ampliar, envolver mais professores das comunidades Pataxó distantes.(Awoy, 2015)

Desde de 1996 o trabalho de pesquisa já era realizado em Minas Gerais por Kanatyó, Sijanete e outros. Em 1997 e 1998, o trabalho de pesquisa da Língua Pataxó ganhou forças. Foi quando teve o primeiro encontro na Aldeia Barra Velha de integração e intercâmbio que fortaleceu o movimento da cultura iniciando as pesquisas. O objetivo do grupo é fortalecer, divulgar e socializar os trabalhos de pesquisas realizados pelo Atxohã. Assim criou-se uma coordenação geral com o objetivo de orientar e tirar dúvidas que os professores e outras pessoas da comunidade tinham ou têm em relação à língua (escrita, gramáticas, etc.), realizando oficinas e encontros para socialização da Língua Pataxó.

O objetivo da criação do grupo também foi de fortalecer, divulgar e socializar os trabalhos de pesquisas realizados pelo ATXOHÃ. Então criamos uma coordenação geral com o objetivo de orientar e tirar dúvida que os professores e pessoas da comunidade tinham em relação à língua (escrita, gramáticas, etc.). Havia muitos questionamentos entre o Patxôhã e língua Pataxó pelos jovens e principalmente com os mais velhos, dizendo né, que távamos inventando outra língua. (Awoy, 2015)

No trecho da entrevista acima, pode ser observado que foram vários os desafios enfrentados pelos pesquisadores Pataxó, inclusive a desconfiança dos mais velhos em relação à língua. Havia muitos questionamentos entre o Patxôhã e língua Pataxó pelos jovens e principalmente com os mais velhos. Dizendo né, que távamos inventando outra língua. Abaixo, outro entrevistado afirma que a necessidade de construção da língua Pataxó deveu-se a uma cobrança externa à aldeia:

A construção da Língua Pataxó foi uma necessidade que agente teve. Numa época que fomos participar da abertura do I Jogos Nacionais em Brasília. Aí, surgiu mesmo a necessidade da gente falar na verdade a Língua Pataxó. Enquanto os parentes Xavantes, Xinguano e outros falavam a língua, ficávamos observando e sem saber falar. Aí surgiu na reserva da Jaqueira. (Ademário Braz, 2015)

Podemos compreender, segundo Cesar e Cavalcanti (2007, p. 57) que há também uma tendência de definir a língua como algo estático, circunscrito, como uma espécie de referência fechada para o povo, um marcador de identidade, de modo que possam distinguir-se dos demais.

Isso foi uma das grandes dificuldades que os jovens pesquisadores tiveram para realizar o trabalho por conta própria da maneira que caracterizasse e fortalecesse a identidade do povo. Não algo que fosse do ponto de vista dos não indígenas e de linguistas, uma vez que receberiam críticas, pois a língua Pataxó estaria morta e impossível ser revitalizada.

Segundo Cesar e Cavalcanti (2007, p. 58), "Para o linguista não-índio, esse esforço de recriação da língua não atinge os seus paradigmas de pesquisas, e implica em reconsideração das suas referências teóricas. Na verdade, opera-se com saberes que não se equivalem, rápida e tranquilamente, se trata apenas de analisar aquela realidade

diante da legitimidade dos instrumentos científicos.ö. Ainda segundo as autoras, é como a diversidade de formas lexicais para um mesmo referente, como se a variedade pudesse levantar suspeitas da língua.

Uma estratégia do grupo Atxohã foi também criar as coordenações de áreas para facilitar os trabalhos e ampliar as pesquisas nas comunidades. Essas coordenações de área têm a função de realizar pesquisas internas em suas comunidades, escolas e anciões da própria comunidade e repassar para a coordenação geral para que possam analisar e incluir o material pesquisado bem como orientar os professores de Patxôhã na sua prática de ensino, realizar encontros pedagógicos para os professores tanto de Patxôhã como os demais:

Também criamos coordenações por áreas para facilitar os trabalhos e pesquisas nas comunidades. Essas coordenações de área têm a função de realizar pesquisas internas em suas comunidades, escolas e anciões da comunidade e repassar para a coordenação geral para que possamos analisar e incluir o material pesquisado. Ficando com uma ou mais aldeia. A coordenação ATXÔHÃ para mim foi e é fundamental no processo de retomada da língua Pataxó, porque através da coordenação podemos realizar encontros e oficinas de socialização e pesquisa da Língua Patxôhã, fortalecendo assim a cultura Pataxó.(Awoy, 2015)

Como podemos observar, a criação do grupo Atxohã veio a contribuir a um trabalho que já vinha sendo feito nas comunidades, mas de modo individual se tornando coletivo. Como podemos observar na entrevista de Karkajú,

Em questão de surgimento do grupo não dá pra saber a certeza. Já vinham sendo pesquisado a respeito da cultura Pataxó em si, é com os cantos, a dança, pintura, religião, rituais, e nisso surgiu algumas palavras através dos cantos. Mas cada localidade tinha seus pesquisadores Arawe e São, em Barra Velha, Kanatyto em Minas. Quando focalizamos a Língua Pataxó e chamamos de Patxôhã, alguns mais velhos não aceitavam, diziam que era língua pataxó, diziam que távamos inventando. (Karkajú, 2015)

Após muitos estudos, o grupo de pesquisadores passaram a chamar a língua Pataxó de Patxôhã para marcar o trabalho que vinha sendo feito, fazendo readaptação de palavras para as que não tinham em Língua Pataxó e para as quais tinham várias palavras na língua, com um mesmo significado. Então Patxôhã é junção de 'pat' -

iniciais de Pataxó, atxohã é língua; xohã é guerreiro, formando assim linguagem de guerreiro. Segundo Karkajú:

Na verdade, o Patxôhã foi denominado de uma junção de palavras Pataxó Atxohã-língua e xohã-guerreiros. Que surgiu linguagem de guerreiro. Muitas palavras surgiam através de canto ou recriadas através de uma língua patamar que ao analisarmos viam que se baseavam não abrindo mão que era Pataxó. Ai em Coroa se firmou e desempenhou um grupo para estudar mesmo a língua. Quando surgiu dentro das pesquisas várias palavras com um mesmo significado, a princípio não descartamos, mas seriam incorporadas de uma maneira que respeitasse devido ser falada por um mais velho e que a mais usada no dia a dia, por readequação diminuição de tamanho. A princípio quem iniciou a pesquisa não aceitavam, mas com o tempo foi concordando.(Karkajú, 2015)

Segundo Karkajú, há o surgimento de empréstimos de palavras de outros povos indígenas na língua Pataxó, pelo histórico até mesmo de Barra Velha, onde foram agrupados outros povos junto ao Pataxó. E ainda afirma que a apresentação do vocabulário não é um processo inacabado, sendo natural o surgimento de palavras através de relatos dos mais velhos e recriação de novas palavras.

A parte da gramática já está definida. Primeiro foi estudado a partir do tronco linguístico baseado no Macro-jê e na família Maxacali. Embora se perceba que a gramática tem uma estrutura da língua portuguesa, não estava dentro da discussão inicial do grupo, mas foi influência natural da língua portuguesa e usada involuntariamente, sem perceber, na formação de palavras e músicas.

No Patxôhã, há também palavras emprestadas de outras línguas. Os empréstimos linguísticos são palavras emprestadas de uma língua a outra. Um processo que acontece espontâneo devido ao contato entre as diferentes culturas e falantes de uma língua. É um fenômeno constante na língua portuguesa, por exemplo, que em diversos momentos históricos recebeu contribuições de idiomas variados como inglês, russo, africano, espanhol, francês e indígena, formando o léxico da língua portuguesa.

Segundo Natalia Petrin (S/D) õ[...] empréstimos são palavras de outras línguas usadas para expressão de pensamentos ou ainda para denominar coisas, processos e comportamentos que em suas próprias línguas ainda não tem uma palavra ou expressão para simbolizar. [...]ö

Assim, na língua Pataxó ocorreu o empréstimo de palavras de outros povos que obtinham contatos. Segundo Bonfim (2012, p. 39), além dos Maxacali, haviam outros grupos indígenas que também mantinham contato com os pataxós, visto que a terra indígena Pataxó Barra Velha se tornou um lugar de passagem, encontros e refúgio para grupos indígenas de outras etnias, resultando em casamentos Inter étnicos entre Pataxó e outros grupos indígenas e, conseqüentemente, também houve empréstimos linguísticos com outros povos.

Dentro do léxico de palavras registradas pelos pesquisadores, viajantes e até mesmos as já faladas pelo mais velhos contém empréstimos de palavras de outros povos e troncos diferentes do povo Pataxó como do povo Botocudo (Krenak), Guarani, Maxacali. Por exemplo, Jokana ó mulher, kijeme ó casa, joopek - fogo, que são empréstimos da língua Krenak. Mas, ao mesmo tempo não se sabe se não foi empréstimo do povo Pataxó a esses povos, uma vez que esses povos transitavam pelas mesmas áreas e, como contam os mais velhos e pesquisadores, haviam trocas, casamentos e até guerras entre esses povos. Barra Velha também era um ponto de passagem, encontro e refúgios desses povos indígenas. Isso originou os empréstimos linguísticos para o povo Pataxó e também para outros povos.

Os povos que viviam no sertão eram classificados como Tapuios e Tupinambás, desciam regulamente na região de Barra Velha no ponto conhecido como Ceú, onde realizavam trocas de alimentos e gêneros culturais (cantos e instrumentos de usos). (Bayara, 2015)

Para compreender esses empréstimos, recordamos do processo histórico do povo Pataxó. Era um povo que tinha contato com povos da floresta do tronco Macro-Jê e de outros troncos. Também foram retirados forçados de seus territórios originários e aldeados em Bom Jardim, hoje Aldeia Barra Velha, juntamente com povos que habitavam a região, o que contribui para a diversidade de vocabulários e costumes no povo Pataxó.

Sobre o que vem sendo desenvolvido, para que haja melhores resultados na revitalização da língua e cultura Pataxó, o trabalho deve estar unificado. Não só ser trabalhado nas escolas, mas juntamente com as comunidades. Cada comunidade deve usar de sua política cultural local, dando segmento ao trabalho dos pesquisadores para que sejam incorporadas as palavras em estudo. Como reforça o cacique Bayara:

Eu como liderança vejo a língua de uma grande importância ao povo e nós lideranças está ligada a família Maxacali. Minha avó, o finado Alfredo

contava que a língua nossa era a mesma que a dos Maxacali. Por isso, eu digo que suma importância pesquisa e fazer análise de conjuntura ao Maxacali. O que vejo que modifica e o que surgiu agora Língua Patxôhã através da língua dos mais velhos. (cacique Bayara, 2015)

Ainda durante sua entrevista o cacique enfatiza algumas palavras que via alguns mais velhos falarem, que estão no levantamento feitos pelos pesquisadores.

Os mais velhos falavam açúcar ó merkiu, pimenta ó pertinãg, panela ó iday, pote ó daytô, fogo, que a minha vó falava que era o que os Maxacali falava. Tomar banho- pulatxatxum, dente - intxuy, cabelo óixé, sapato - patatay, café ó tahão, agora é ãxoek, farinha Kuyuna. Quando os mais velhos falavam vamu mãguntá, traz a kuyuna. Vamos busca Mahã todo mundo já sabia o que era, que ia buscar alimento peixe. Dizia vamo po laço mundéu pra pegar txahô ó saruê, xupatey ó caça do mato. Minha dizia acender o kixau - fogo. A água era txonãg, agora é miãga que é da língua Krenak (Cacique Bayara, 2015)

O cacique enfatiza a importância do trabalho de pesquisa da língua Pataxó principalmente na escola. É um processo que não caminha sozinho, mas traz a história e cultura:

Eu acho que fundamental o trabalho em conjunto que os pesquisador tão fazendo, unificando o trabalho e fortalecendo a língua. Tem que ensinar na escola esse processo, a história da língua e falando as várias palavras que tem um só significado. A nossa aldeia Tucunã peguei da palma do tucum que é usado para fazê artesanato, Gerú era o nome de meu pai que era o nome de papagaio. Ai aldeia Gerú Tucunã Pataxó Papagaio na Palmeira.(Entrevista cacique Bayara)

O cacique Bayara ainda fala do contato com as pessoas que tiveram contato com os Maxacali e da espoliação do povo. Eram reprimidos de praticar sua cultura, falarem na língua o que fez com que ficasse adormecida. Conta também das estratégias dos mais velhos ao contar suas histórias para não perder:

Eu alcancei o finado Epifanio e Generana que foram ao Maxacali. Muitos dos mais velhos não falava mais entindia o que eles falava. Eles foram proibidos de fala a língua. Era perseguido, criticado, reprimido e a língua fico mei esquecido. Mas guardava na memória, nas história. A história do povo é contada aos pouquinho, pra quem ouve não leve tudo.(cacique Bayara, entrevistado set.2015)

Dentro de seus relatos, levantam a importância da espiritualidade dentro da historia do povo e seus segredos que ajudam a manter a língua viva.

O Guaxo é um pássaro que tem uma grande espiritualidade a nós povo Pataxó. Era uma velha índia que lutô pra trazê o fogo ao povo Pataxó. E a guardiã do fogo. Depois virou pássaro Guaxo - o pássaro japira. Então a gente guardava.(cacique Bayara, 2015).



Fonte: Atxôhã - Reunião do Encontro de Pesquisadores grupo Atxôhã, Aldeia Barra Velha 2015.

9. As variedades de Patxôhã

Para compreendermos as variedades do Patxôhã, temos que ter conhecimento do que é variedade linguística. A variação linguística é um fenômeno que ocorre com uma língua pelo modo na qual ela se usa, por intermédio sistemático e coerentemente, de acordo com um contexto histórico, regionais, geográfico e sociocultural na qual seus falantes desta língua se manifestam.

Num mesmo país, região, estado e povo, a língua pode sofrer alterações fonética, morfológica, sintática, lexical e semântica, pois não é um sistema fechado e imutável.

Segundo Magno Bagno (2002), a variação linguística é um fenômeno pelo qual uma língua se difere de si mesma em razão do status social do falante, do local onde vive e da época em que é falada.

Um grande exemplo podemos observar em nosso país Brasil que é multicultural. A diversidade cultural influencia na língua falada pela maioria, a língua portuguesa, mas apresenta um alto grau de variabilidade devido a extensão territorial. Exemplos disso é o português falado no estado de Minas Gerais que não é a mesma variedade falada no Sul e no Nordeste. E o mesmo português falado em nosso país não é o mesmo falado pelos outros países falantes da língua portuguesa.

O léxico da língua portuguesa é formado de palavras de origem latina que no decorrer da história do nosso país, retomando a chegada dos portugueses na costa litorânea, havia milhões de indígenas que falavam trezentas línguas diferentes e costumes. Assim no decorrer do tempo o português recebeu contribuições de variados idiomas como línguas indígenas e africanas, inglês, russo, espanhol o que muitas das vezes não são pronunciadas como sua origem, ocorrendo uma variação. E as variações na língua portuguesa no Brasil nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, uma dinâmica da natureza e os diversos grupos étnicos e sociais de cada localidade. As diferenças geográficas marcam a pronúncia e o vocabulário do falante.

Isso ocorre devido o princípio fundamental da língua que é a necessidade de comunicação e compreensão entre os falantes. E esses diferentes falares ou variações de uma língua não menospreza e nem desclassifica a mesma. Ao contrário, demonstra a riqueza que ela contém. Uma língua não é falada do mesmo modo por pessoas de diferentes gêneros, classes, idades e situações.

No Patxôhã também ocorre variedades de palavras com um mesmo significado e pronúncias diferentes tanto de uma aldeia para outra como de um estado para o outro. Para compreender essa variação, recorremos ao processo histórico do povo Pataxó de convivências com outros povos indígenas como os povos Maxacali, Botocudo, Tupiniquim, entre outros.

Historicamente sabemos que antes do aldeamento de Barra Velha, o povo habitava as grandes matas fechadas próximos aos rios que ligavam ao mar, que dominavam desde a faixa do Mucuri ao rio Santa Cruz e subiam as cabeceiras do Rio Doce pegando toda faixa litorânea do sul baiano ao Espírito Santo, na qual guerreavam com os Botocudo e Maxacali.

Dentro dos relatos dos anciões pode-se observar que antes do aldeamento de Barra Velha o povo tinha contato com outros povos indígenas que muitas das vezes não sabiam identificá-los e chamavam povos das florestas. O ponto de encontro era próximo a atual aldeia Barra Velha no lugar chamado Ceú. Em conversa pessoal, o pajé Albino conta histórias contadas por seu avô:

õLembro meu avô, né finado Sauva, contava que quando era tempo de lua principalmente quando a lua tava clara, iluminava a mata, eles vinha de mata a dentro muitas das vezes não sabiam identifica-los que povo eram. O ponto de encontros eram próximos de onde a aldeia Barra Velha é hoje o Ceú E em certo ponto do céu, o povo esperava por eles, se preparavam. E preparava os corta-língua e os alimentos.ö(pajé Albino, 2015)

O termo corta-língua era utilizado para denominar o mediador da comunicação dos encontros do povo Pataxó com os povos da floresta, assim denominados.

A variação linguística na língua Pataxó é um processo inevitável. Como não há falantes fluentemente da Língua Pataxó, a fala ou pronúncia das palavras são baseadas na escrita e gramática. Cada falante pronuncia de acordo com sua interpretação, com sua variabilidade regional.

O povo Pataxó do estado de Minas usa alguma palavras que se assemelham a língua Maxacali, buscando se aproximar da pronúncia dos mesmos e dos modos dos mais velhos falarem. Isso mantém essa língua viva:

Isso aconteceu (variação linguística) devido à variedade de povos no passado que o povo Pataxó teve. E uma língua que estamos retomando, né, as pesquisas foram baseadas em relatos de viajantes e não em falantes da língua. Acredito também, né, que pode ser aí, ter saído essa variação. E sempre terá, por exemplo, um mais velho não fala igual jovem, que por sua vez não fala igual a uma criança. (Awoy, 2015)

A pesquisa está em processo, não é algo acabado. No decorrer dos estudos e pesquisas dos pesquisadores novas palavras vão surgir.

10.Exemplos das variedades do Patxôhã

Nesta seção, apresento uma lista de palavras variantes entres as aldeias Pataxó do estado de Minas Gerais e da Bahia.

Tabela 1- Relação de palavras e seus significados do Patxôhã na Bahia e em Minas Gerais.

Palavras em Português	Palavras em Patxohã na Bahia	Palavras em Patxohã em Minas Gerais
Acesso	Niõga	Niõg
Água	Miãga	Txonãg
Alimentar	Onikenãg	Nikexax
Amigo	Kartenetú	Goispã
Arco	Puhuy	Poytãg
Árvore	Kamarú	mioptxikajo
Banana	Tapitá	Kebká
Benção	Mãtxô	I~txay
Bom	Nomaysõ	Txavei
Café	Ãxoek/tahão	Tahão
Carne	Unii	txuning
Casa	Kijeme	pãhãy
Chuva	Kehê/tehê	potehê
Cigarro	Joôkretõ	upuhãy

Com	hu~	Ketxê
Comer	Mãgutxiá	nikexax
Corpo	Ãpekôy	Kuidã
Correr	Ãkãwtxy	âkâtxipã
Dente de animal	Atx~uy	Itxuy
Eu	Arnã	untxei
Escola	Kijêtxawê	pãhãtxawê
Estou	torotêxó	unputxay
Esquentar	Nogakait	nogakaitã
Facão	Hãmãykô	mikay
Filho	Konehõ	niatum
Fogo	Joopek	Tahab/kyxau
Fruta	Nawã	hunká
Gostoso	mimoã	ipãtoy
Mãe	Imamakã	Atom
Já	Txõghi	Txõg
Mata	~ibá	hãmãgui-mimatxi
Obrigado	Awêry/iamã	Pãtxó\ iamã
Pai	Ipamakã	Ekã
Panela	Poniôgã	Iday/poniôgã
Pássaro	Giktaya	txoeki
Pé	Ãpaká	Xyká
Peixe	mukusuy	Mahã
Pedra	Baway	mikay
Pimenta	Petehnã	Peteihnã
Pote	Hãtoáy	Daytô
Saruê	Tahô	Txahô
Sol	Hayõ	Mayõ
Vai	Torno	mãgui
Ta	hunkab	torotê
Terra	hãhão	txahão

Tucano	Enháy	~eháy
Vem	Caá ãí	Apôy
Vem	Caááítxeká	apôytxeká

Essas variedades algumas já se encontram na cartilha de Atxôhã coletadas pelos pesquisadores e foram ressignificadas com palavras sinônimas. Outras foram pesquisadas. Acredito que poucos conhecem, mas não podem ser esquecidas estão presentes em cantos Pataxó.

Oração Pataxó de Minas Gerais

Apôy niamissu	Vem Deus
Niamitãg untxey	proteja eu
Txagô patanionã	nossa família
Ãg itxay hãb txawã	abençoe nossas crianças
Ãg patanionã kanã pataxí yãtãy	e as famílias da aldeia
Hukab sumiehé ,hukab sumiehé	está cantando ,está cantando

Autoria: Comunidade encontro das Águas / MG

Oração Pataxó da Bahia

Kanã Pataxi petoi	Minha aldeia
Bayxutxê nahã pakâiorê	beleza sem plantar
Arnã petoi puhuy	eu tenho arco
Arnã petoi akuã	eu tenha flecha
Arnã petoi sarã txobharé	eu tenho raiz para curar
Kahabtxê siratã	viva Jesus
Kahabtxê siratã	viva Jesus
Kahabtxê siratã	viva Jesus
Dxahá uip apôy uip mayõ	que nos vem trazer a luz

Autoria : versão em Patxôhã Grupo Atxôhã

São duas orações cantada pelo povo Pataxó que se assemelham de falar de Deus ,mas algumas palavras vem com sentidos parecidos ,porem no cantar se percebe diferença no ritmo de canto.

11.Considerações Finais

Fazer uma reflexão sobre a variação linguística na língua Patxôhã do povo Pataxó é buscar a trajetória do povo para que possamos compreender o porquê dessas variações e o que é dentro de uma língua. É compreender que uma língua sofre influências de um contexto histórico, geográfico e sociocultural. Um povo não vive isoladamente o que também não permite que sua cultura permaneça estática.

Antes mesmo das grandes navegações, o povo Pataxó mantinha contato com vários povos indígenas. Sabemos que no Brasil tinha milhares de povos indígenas com mais de 2.000 línguas e uma rica diversidade cultural. E o povo pataxó mantinha contato com vários povos do litoral e do interior do Brasil, tanto amigável como de rivalidade, ocorrendo um processo de trocas culturais.

Ressalta-se que no processo de colonização muitos povos foram extintos sem deixar registros, diferente do povo Pataxó que resistiu a vários massacres e guardou mesmo assim na memória diversos elementos culturais.

Os relatos de viajantes e pesquisadores contribuíram para uma nova reconstrução da história e retomada da língua Pataxó. Hoje encontram-se falantes e compreendedores do Patxôhã em várias aldeias Pataxó, fortalecendo a identidade do povo.

A reflexão feita nesta pesquisa, demonstra que independente das variações linguísticas e costumes entre o povo Pataxó, a língua vem sendo retomada pelo povo. É notável que está vinculada à língua Maxacali. Por mais influências que tenha recebido ao longo da trajetória histórica, permanecem as evidências de parentesco entre essas duas línguas juntamente a costumes e histórias.

Sabemos que chegar a uma língua Pataxó dos modos de nossos antepassados e todos os membros das várias aldeias falarem de maneira igual é impossível. Até mesmo é impossível dar o processo de remada como acabado também, pois a língua não é algo pronto e acabado. Ela está em constantes mudanças.

Esse trabalho demonstrou a importância de analisar as variações presente no Patxôhã, e mostra o quanto está viva, rica e em constante dinâmica, reconstruindo uma nova história.

12.Referências Bibliográficas

ATXÔHÃ - Grupo de pesquisa da Língua e História do povo Pataxó. Glossário *de Língua Pataxó*. Porto Seguro. Atxôhã. 2015.

ATXOHÃ - Grupo de pesquisa da Língua e História do povo Pataxó. Inventário Cultural Pataxó: Tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia, (Org.) Povo Pataxó. 2011.

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Ed. Loyola Edição 49. 2007

CRUZ, A. S. *A memória viva das interações entre os povos parentes Maxacali e Pataxó*. Belo Horizonte. 2015.

FLORENCIO, L. A. *Povos Indígenas da América Latina* . IN:WERWERING ,Silvia Thêkla.(Org.) Povo Akawê Xerente B.H-MG:Editora:Rona,2012.

FUNAI. Relatório Preliminar: Os Indígenas Pataxó ó Aldeia Gerú Tucunã e a Conservação do Parque Estadual do Rio Corrente/MG. Governador Valadares/MG. 2015.

KANATYO, Pataxó. *A Pedagogia da Lente do nosso olhar e as mãos da natureza*. Povo Pataxó da aldeia Muã Mimatxi: Belo Horizonte : FAE/UFMG, 2013

PARAISO, M. H. B. Amixocoli, Pataxó, Monoxó, Kumunoxó, Kutatoi, Maxacali, Malili e Makoni: povos indígenas diferenciados ou subgrupos de uma mesma nação? Uma proposta de reflexão. Rev.do Museu de arqueologia e etnologia, São Paulo, 4:173-178. 1994.

PETRIN, N. Empréstimos linguísticos, (SD), Artigo disponível em <http://www.estudopratico.com.br/emprestimos-linguisticos-transformacoes-e-exemplos>. Acesso em 04.05.16.

RCNEI, Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas, Brasília. MEC/SEF/DPEF, 1998.

TUGNY, R. P. Escuta e poder na estética Tikmuøun Maxacali. Rio de Janeiro; Museu do índio, 2011.